



KATE
MORTON

Autora com 10 milhões de livros vendidos

A CASA DO LAGO

A CASA DO LAGO



1

Cornualha, agosto de 1933

A chuva caía pesada e a bainha de seu vestido estava salpicada de lama. Ela teria que esconder isso depois; ninguém poderia saber que tinha saído.

Nuvens cobriam a lua, um golpe de sorte que ela não merecia. Seguiu caminho pela noite escura e densa o mais depressa que pôde. Tinha vindo mais cedo cavar o buraco, mas só agora, sob o véu da escuridão, terminaria o trabalho. A chuva pontilhava a superfície do córrego das trutas, tamborilando incansavelmente na terra que o margeava. Alguma coisa cintilou entre as samambaias ali perto, mas ela não hesitou, não parou. Entrara e saíra do bosque a vida inteira e sabia o caminho de cor.

Quando aconteceu pela primeira vez, ela cogitou confessar e, talvez, no início, devesse mesmo ter feito isso. Mas perdeu a oportunidade e agora era tarde demais. Muita coisa havia acontecido: as buscas, os policiais, os artigos nos jornais implorando por informações. Não havia ninguém a quem ela pudesse contar, nenhuma forma de consertar aquilo, nenhuma chance de um dia a perdoarem. A única saída era enterrar a prova.

Chegou ao local que havia escolhido. A bolsa, com a caixa dentro, era surpreendentemente pesada e foi um alívio pousá-la no chão.

Apoiada nas mãos e nos joelhos, afastou a camuflagem de samambaias e galhos. O cheiro de solo encharcado era forte demais, de rato-do-campo e cogumelos, de outras coisas apodrecendo. Certa vez, seu pai lhe dissera que gerações caminharam por aqueles bosques e foram enterradas naquelas terras. Sabia que ele ficava contente de pensar assim. Ele se reconfortava com a continuidade da natureza, acreditando que a estabilidade do passado distante tinha o poder de aliviar os problemas do presente. Talvez, em alguns casos, aliviasse mesmo, mas não agora, não aqueles problemas.

Ela pôs a bolsa dentro do buraco e, por uma fração de segundo, a lua pareceu espiar por trás de uma nuvem. As lágrimas ameaçaram cair quando ela repôs a terra no lugar, mas lutou contra aquele sentimento. O pranto

seria uma indulgência que ela se recusava a conceder a si mesma. Alisou o chão batendo as mãos contra o solo e pisoteou com as botas até ficar sem fôlego.

Pronto. Estava feito.

Ocorreu-lhe que deveria dizer alguma coisa antes de deixar aquele lugar solitário, algo sobre a morte da inocência, o profundo remorso que sempre a seguiria. Porém, não disse nada. A simples vontade já a envergonhava.

Voltou depressa pelo bosque, tomando o cuidado de evitar a casa de barcos e suas lembranças. O dia estava raiando quando chegou. Chuviscava leve. A água do lago lambia as margens e o último dos rouxinóis se despediu. As toutinegras e as mariquitas-amarelas acordavam e, bem ao longe, um cavalo relinchou. Ela não sabia disto ainda, mas nunca se livraria desses sons. Eles a seguiriam a partir daquele lugar, a partir daquele momento, invadindo seus sonhos e pesadelos, sempre lembrando-a do que tinha feito.

2

Cornualha, 23 de junho de 1933

Embora a melhor vista do lago fosse a do Mulberry Room, Alice decidiu que a janela do banheiro serviria. O Sr. Llewellyn ainda estava no córrego com o seu cavalete, porém ele sempre se recolhia cedo para descansar e ela não queria arriscar um encontro. O velho era inofensivo, mas excêntrico e carente, especialmente de tarde, e Alice temia que a presença inesperada dela no quarto dele transmitisse uma mensagem errada.

Alice franziu o nariz. Quando mais jovem, fora muito afeiçoada a ele, e vice-versa. Era estranho agora, aos 16 anos, pensar nas histórias que ele contara, nos pequenos esboços que havia desenhado e que ela estimara, no ar de admiração que o perseguia como um rastro, como uma canção. De todo modo, o banheiro ficava mais perto que o Mulberry Room e, como era apenas uma questão de minutos até que a mãe percebesse que os cômodos do primeiro andar estavam sem flores, Alice não tinha tempo a perder subindo as escadas. Enquanto um grupo de criadas agitando panos de polimento pairava ansiosamente pelo corredor, ela deslizou pela porta e correu para a janela.

Mas onde ele estava? Alice sentiu o estômago revirar da emoção para o desespero em um instante. Pressionou as mãos mornas contra o vidro enquanto perscrutava a cena abaixo: rosas creme e cor-de-rosa, as pétalas brilhando como se tivessem sido lustradas; pêssegos preciosos pendendo junto ao muro coberto do jardim; o extenso lago prateado cintilando à luz da manhã. Toda a propriedade já tinha sido arrumada e decorada até atingir uma impossível perfeição e, mesmo assim, ainda havia agitação em todos os lugares.

Músicos contratados deslizavam cadeiras douradas no coreto temporário e, enquanto as vans dos fornecedores se revezavam revolvendo poeira na entrada, uma tenda ainda montada pela metade se inflava com a brisa do verão. A única nota estática entre o redemoinho de atividade era vovó DeShiel,

sentada, pequena e encurvada, no banco de jardim de ferro fundido do lado de fora da biblioteca, perdida em suas lembranças emaranhadas e completamente alheia às lanternas de vidro redondas que eram penduradas nas árvores ao redor dela.

Alice respirou fundo.

Ele.

O sorriso se espalhou em seu rosto antes que ela pudesse impedir. Alegria, uma deliciosa alegria estrelada, quando o viu na pequena ilha no meio do lago, com um grande tronco equilibrado em um dos ombros. Ela levantou a mão para acenar, um impulso bem bobo, porque ele não estava olhando para a casa. Mesmo que estivesse, não acenaria de volta. Ambos sabiam que precisavam ser cuidadosos.

Os dedos dela encontraram a mecha de cabelo que sempre caía solta perto da orelha e a enrolaram, para um lado e para outro, repetidamente. Ela gostava de observá-lo assim, em segredo. Fazia com que se sentisse poderosa, não como quando estavam juntos, quando levava limonada para ele no jardim ou conseguia escapar para surpreendê-lo enquanto ele trabalhava nos confins da propriedade, quando ele lhe perguntava sobre seu livro, sua família, sua vida e ela lhe contava histórias que o faziam rir e tinha que lutar para não se perder dentro das piscinas que eram seus olhos verdes profundos com pontos dourados.

Sob o olhar dela, ele se curvou, parando para estabilizar o peso do tronco antes de colocá-lo em cima dos outros. Ele era forte e isso era bom. Alice não tinha certeza do porquê, só que isso era importante para ela de um jeito profundo e inexplorado. Suas bochechas estavam quentes; ela estava corando.

Alice Edevane não era tímida. Já conhecera rapazes antes. Não muitos, isso era verdade – com exceção da tradicional festa de verão, seus pais eram famosos pela reserva, preferindo a companhia um do outro –, mas ela conseguia, por vezes, trocar palavras clandestinas com os rapazes locais ou com os filhos dos fazendeiros arrendatários, que vestiam seus capuzes, baixavam os olhos e seguiam os pais pela propriedade. Isso, no entanto... Isso era... bem, era apenas *diferente* e ela sabia que aquela sensação parecia pungente, além de terrivelmente semelhante ao tipo de coisa que sua irmã Deborah diria, contudo era mesmo verdade.

Benjamin Munro era o nome dele. Ela murmurou as sílabas em silêncio, Benjamin James Munro, 26 anos, vivia em Londres. Ele não tinha depen-

dentes, trabalhava duro e não era dado a falar sem fundamento. Nascera em Sussex e crescera no Extremo Oriente, filho de arqueólogos. Gostava de chá verde, do cheiro de jasmim e dos dias quentes que culminavam em chuva.

Ele não havia contado essas coisas a Alice. Não era um daqueles homens pomposos que tagarelavam sobre si mesmos e suas realizações como se uma garota fosse apenas um rostinho bonito entre um par de ouvidos receptivos. Ela havia escutado, observado, colhido informações e, quando a oportunidade se apresentou, rastejou para dentro do depósito a fim de verificar o livro de registros do jardineiro-chefe. Alice sempre se imaginara como uma detetive e, de fato, presa no verso de uma página de anotações do Sr. Harris sobre cuidados com plantas, encontrou a carta de Benjamin Munro se candidatando à vaga. A carta em si era breve, escrita em uma caligrafia que mamãe teria lamentado, e Alice a estudara por inteiro, memorizando os trechos importantes, emocionando-se com o modo como as palavras davam profundidade e colorido à imagem que havia criado e que estava guardando para si mesma, como uma flor impressada entre as folhas de um livro. Como a flor que ele lhe dera no mês anterior.

– Olhe, Alice – o caule era verde e frágil em sua mão grande e forte –, a primeira gardênia da estação.

Ela sorriu ante a lembrança e enfiou a mão no bolso para acariciar a superfície lisa de seu caderno de couro. Era um hábito que trazia desde a infância e que enlouquecia sua mãe desde que ela ganhara o primeiro caderno, em seu oitavo aniversário. Como adorara aquele pequeno livro marrom! Como seu pai tinha sido inteligente ao escolhê-lo para ela! Ele também era jornalista, disse, com uma seriedade que Alice admirava e apreciava. Lentamente, escrevera seu nome completo – Alice Cecilia Edevane –, sob o olhar atento da mãe, na pálida linha sépia da primeira página e se sentira imediatamente mais real do que jamais fora.

A mãe se opunha ao hábito de Alice de acariciar o caderno no bolso, porque isso a fazia parecer “ardilosa, como se não tivesse boas intenções”, uma descrição com a qual Alice decidiu não se importar nem um pouco. A desaprovação da mãe funcionava apenas como um bônus; Alice continuaria tocando seu caderno mesmo se isso não incomodasse Eleanor Edevane. Fazia isso porque seu caderno era um lembrete de quem ela era. O caderno também era seu confidente mais próximo e, dessa forma, uma grande autoridade em Ben Munro.

Fazia quase um ano desde que ela pusera os olhos nele. Ben tinha chegado a Loeanneth no final do verão de 1932, durante aquele glorioso período de seca, quando, com toda a empolgação deixada para trás, não tinha mais nada a fazer além de se render ao calor tedioso. Um divino ar de tranquilidade indolente caíra sobre a propriedade de tal modo que até mesmo sua mãe, grávida de oito meses e bastante corada, havia soltado os botões de pérolas de seus punhos e enrolado as mangas de seda até os cotovelos.

Naquele dia, Alice estava sentada no balanço sob o salgueiro, oscilando ociosamente e ponderando seu Problema Importante. Os sons da vida familiar, se ela estivesse ouvindo, estavam por toda parte – a mãe e o Sr. Llewellyn rindo ao longe enquanto os remos do barco espirravam água num ritmo preguiçoso; Clemmie sussurrando alguma coisa enquanto girava em círculos no prado, os braços estendidos como asas; Deborah contando à babá Rose todos os escândalos da última temporada de Londres –, mas Alice estava concentrada apenas em si mesma e não ouvia nada além do leve zumbido dos insetos de verão.

Estava no mesmo lugar havia quase uma hora e não tinha sequer notado a mancha de tinta preta que sua nova caneta-tinteiro derramara em seu vestido de algodão branco quando ele se materializou da escuridão do bosque para a entrada de carros iluminada pelo sol. Carregava um saco de lona sobre um ombro e o que parecia ser um casaco na mão, e caminhava com passo firme e constante, cujo ritmo a fez diminuir a velocidade do balanço. Ela o observou avançar, a corda áspera contra sua bochecha enquanto se esforçava para olhar ao redor do galho caído do salgueiro.

Por capricho da geografia, as pessoas não chegavam inesperadamente a Loeanneth. A propriedade ficava no fundo de um pinhal, cercada por bosques densos e espinhosos, exatamente como as casas dos contos de fadas (e dos pesadelos, como Alice descobriu, embora não tivesse motivo para pensar nisso naquela época). Aquele era seu caminho ensolarado, lar de gerações de DeShiels, o lar ancestral de sua mãe. E, no entanto, ali estava ele, um estranho no meio da família, e como num passe de mágica o feitiço da tarde fora quebrado.

Alice tinha uma inclinação natural para a nostalgia – as pessoas sempre lhe diziam isso, o que ela tomava como elogio. Era uma característica da qual pretendia fazer bom uso, mas seu interesse naquele dia era alimentado mais pela frustração e por uma súbita vontade de se distrair do que pela

curiosidade. Durante todo o verão ela havia trabalhado febrilmente em um romance de paixão e mistério, porém, três dias antes, seu progresso tinha se interrompido. A culpa era da mocinha, Laura, que, depois de capítulos dedicados a ilustrar sua rica vida interior, agora se recusava a cooperar. Diante da apresentação de um cavalheiro alto, sombrio e bonito que alardeava ser lorde Hallington, de repente ela perdeu toda a sua inteligência e essência para se tornar decididamente monótona.

Bem, Alice resolveu enquanto observava o jovem caminhando pela entrada, Laura teria que esperar. Havia outros assuntos a tratar.

Um estreito curso de água atravessava a propriedade, deliciando-se com a breve trégua ensolarada antes de ser remetido inexoravelmente de volta para o bosque, e uma ponte de pedra, legado de algum tio-avô de muitas gerações antes, permitia o acesso a Loeanneth. Quando o estranho chegou à ponte, parou. Ele se virou lentamente de volta para a direção de onde tinha vindo e pareceu olhar para algo em sua mão. Um pedaço de papel? Um truque da luz? Algo na inclinação de sua cabeça, o foco persistente nos bosques densos, denunciava deliberação e Alice estreitou os olhos. Ela era escritora. Entendia as pessoas; conhecia a vulnerabilidade quando a via. Sobre o que ele estava tão vacilante e por quê? Ele se virou de novo, descrevendo um círculo completo, e levou a mão à testa enquanto olhava para o alto, até o lugar onde ficava a casa, atrás de sua leal guarda de teixos. Ele não se mexeu, quase parecia não respirar, e então, enquanto observava, pousou a mochila e o casaco, ajeitou o suspensório sobre os ombros e deu um suspiro.

Então Alice teve uma de suas certezas repentinas. Ela não sabia de onde vinham essas percepções sobre o estado de espírito de outras pessoas; sabia apenas que chegavam de forma inesperada e completamente formadas. Às vezes, ela apenas *sabia* das coisas. Por exemplo: aquele não era o tipo de lugar com o qual ele estivesse acostumado. Mas era um homem em um encontro com o destino e, embora houvesse uma parte dele que quisesse dar a volta e sair da propriedade antes mesmo de ter de fato chegado, não virava – não podia virar – as costas para o destino. Era uma proposição inebriante e Alice se pegou agarrando a corda do balanço com mais força, as ideias começando a fluir, enquanto observava os movimentos seguintes do estranho.

Como era de esperar, ele pegou o casaco, colocou a mochila no ombro e continuou a caminho da casa escondida. Havia uma nova determinação em sua postura e agora ele dava toda a impressão, para aqueles que não sabiam

de nada, de que estava decidido e de que sua missão não era complicada. Alice se permitiu um sorriso ligeiro, satisfeita consigo mesma, antes de ser atingida por uma explosão de claridade cegante que quase a derrubou do balanço. No mesmo instante em que notou a mancha de tinta em sua saia, Alice percebeu a solução para seu Problema Importante. Ora, tudo era tão óbvio! Laura, lutando com a chegada do próprio estranho intrigante, também dotada de uma percepção maior que a da maioria, certamente enxergaria por trás da fachada do homem, descobriria seu terrível segredo, seu passado de culpa e sussurraria, num momento de silêncio, quando estivesse a sós com ele...

– Alice?

De volta ao banheiro de Loanneth, Alice saltou, batendo a bochecha na moldura de madeira da janela.

– Alice Edevane! Onde está você?

Olhou para a porta fechada atrás dela. Lembranças agradáveis do verão anterior, a emoção de se apaixonar, os primeiros dias de seu relacionamento com Ben e a ligação inebriante com sua escrita se espalharam ao redor. A maçaneta de bronze vibrou ligeiramente em resposta aos passos rápidos no corredor e Alice prendeu a respiração.

Mamãe estivera uma pilha de nervos a semana toda. Isso era típico. Ela não era uma anfitriã nata, mas a festa de verão se tornara a grande tradição da família DeShiel e mamãe gostava muito de seu pai, Henri, então o evento acontecia anualmente em memória dele. Ela sempre ficava em pânico – era natural –, mas naquele ano ela estava pior do que de costume.

– Sei que você está aqui, Alice. Deborah viu você há alguns instantes.

Deborah: irmã mais velha, líder exemplar, principal ameaça. Alice ranguu os dentes. Como se não bastasse ter a famosa e adorada Eleanor Edevane como mãe, não era sorte sua ter nascido depois de uma irmã mais velha que era quase tão perfeita quanto a mãe? Bonita, esperta, empenhada em se casar com a presa da temporada... Graças a Deus por Clementine, que veio depois, e era um esboço de garota tão curiosa que mesmo Alice não podia deixar de parecer vagamente normal em comparação.

Enquanto a mãe atravessava o corredor, seguida por Edwina, Alice entreabriu a janela e deixou a brisa morna, perfumada com grama recém-cortada e sal do mar, envolver seu rosto. Edwina era a única pessoa (aliás, ela era uma cadela golden retriever, não uma pessoa de fato) que conseguia aguentar a

mãe quando ela estava assim. Até o pobre papai havia fugido para o sótão horas antes, sem dúvida desfrutando da boa e silenciosa companhia de sua grande obra de história natural. O problema era que Eleanor Edevane era perfeccionista e cada detalhe da festa de verão deveria atender a seus exigentes padrões. Embora tivesse mantido isso escondido sob um verniz de indiferença teimosa, por muito tempo Alice se incomodara por estar tão aquém das expectativas da mãe. Ela se olhava no espelho e ficava desesperada com seu corpo muito alto, seus cabelos castanho-avermelhados desajeitados, sua preferência pela companhia de pessoas imaginárias a pessoas reais.

Agora não mais. Alice sorriu quando Ben levou outro tronco ao que estava se tornando rapidamente uma pira alta. Talvez não fosse encantadora como Deborah e com certeza nunca seria imortalizada como a mãe, como tema de um adorado livro infantil, mas isso não tinha importância. Ela era completamente diferente.

– Você é uma contadora de histórias, Alice Edevane – Ben lhe dissera certa tarde, enquanto o riacho corria tranquilo e os pombos voltavam para casa. – Nunca conheci alguém com uma imaginação tão fértil e ideias tão boas.

Sua voz era suave. Alice tinha se visto então através de seu olhar intenso e havia gostado do que vira.

A voz da mãe passou pela porta do banheiro – algo sobre as flores – antes de desaparecer ao virar num corredor.

– Sim, mamãe querida – murmurou Alice com uma deliciosa condescendência. – Não há necessidade de amarrotar suas calcinhas.

Havia um glorioso sacrilégio no fato de reconhecer a roupa íntima de Eleanor Edevane, e Alice teve que apertar os lábios para não rir.

Com um último olhar para o lago, ela saiu do banheiro e andou rapidamente pelo corredor até seu quarto para liberar a preciosa pasta que estava debaixo de seu colchão. Livrando-se de tropeçar em um remendo puído do tapete balúchi vermelho que vovô Horace tinha enviado de suas aventuras no Oriente Médio, Alice subiu as escadas dois degraus por vez, pegou uma cesta do meio da mesa do salão e pulou para fora, para o novo dia.



É preciso dizer que o tempo estava perfeito. Alice não podia deixar de cantarolar para si mesma enquanto seguia pelo caminho de pedras. A cesta

estava quase pela metade e ela ainda nem tinha chegado perto dos prados de flores silvestres. As flores mais bonitas cresciam ali – as que eram inesperadas, em contraste com as tipicamente domadas, suspeitosamente vistosas, mas Alice aproveitava seu tempo. Ela passara a manhã evitando a mãe, esperando até que o Sr. Harris tirasse o intervalo de almoço para que Ben ficasse sozinho.

Na última vez em que o vira, ele dissera que tinha algo para ela e Alice rira. Então ele a brindara com aquele seu meio sorriso, aquele que a deixava de pernas bambas, e perguntara:

– O que há de tão engraçado?

Alice se empertigara toda e revelara que também tinha algo para dar a ele.

Ela parou atrás do maior teixo no final do caminho de pedra. Tinha sido bem podado para a festa, as folhas recém-cortadas, então Alice espiou ao redor. Ben ainda estava na ilha e o Sr. Harris encontrava-se na outra extremidade do lago, ajudando seu filho Adam a preparar a lenha para ser atravessada de barco. Pobre Adam... Alice o observou coçar atrás da orelha. Já fora o orgulho de sua família, segundo a Sra. Stevenson, forte, reluzente e inteligente, até que um estilhaço voador se alojou na lateral de sua cabeça, em Passchendaele, e o idiotizou. A guerra era uma coisa terrível, a cozinheira gostava de falar, batendo o rolo em um pedaço inocente de massa na mesa da cozinha: “Pega um garoto desses, tão promissor, o mastiga e o cospe numa versão abobada de quem costumava ser.”

A única bênção, de acordo com a Sra. Stevenson, era que o próprio Adam não parecia notar a mudança; na verdade, parecia quase aliviado por ela.

– Não é o que costuma acontecer – acrescentou ela, sem deixar de lado o profundo pessimismo escocês. – A maioria deles volta sem nunca mais conseguir dar uma risada.

Fora o pai que insistira em empregar Adam na propriedade.

– Ele tem um emprego aqui para a vida toda – Alice o ouviu dizer ao Sr. Harris, a voz cheia da força de seu sentimento. – Já disse isso antes. Enquanto ele precisar, haverá um lugar aqui para o jovem Adam.

Alice percebeu um zumbido suave perto da orelha esquerda, o mais leve sopro de vento contra sua bochecha. Olhou de soslaio para a libélula que pairava em sua visão periférica. Era uma raridade, um dardo de asas amarelas, e ela sentiu uma antiga onda de empolgação. Imaginou o pai em seu escritório, escondendo-se da mãe. Se Alice fosse rápida, poderia pegar a

libélula e levá-la lá para cima, para a coleção dele, saborear o prazer que ela sabia que o presente lhe traria e sentir-se em alta conta com o pai, como acontecia na infância, quando o privilégio de ser a escolhida, aquela a quem era permitido entrar na sala poeirenta de livros de ciências, luvas brancas e mostruários de vidro, era suficiente para fazê-la esquecer o horror dos brilhantes pinos de prata.

Mas, é claro, não havia tempo para isso. Ora, só de considerar a questão, ela estava sendo vítima da distração. Alice ficou pensativa. O tempo tinha um jeito engraçado de perder a forma quando sua mente se ocupava com um assunto. Olhou para o relógio. Quase 10h12. Vinte minutos mais e o jardineiro-chefe se dirigiria para seu barracão como fazia todos os dias, para comer seu sanduíche de queijo e *piccalilli*, e, então, leria as notícias sobre as corridas. Ele era um homem de hábitos e Alice respeitava isso.

Esquecendo a libélula, ela percorreu o caminho de uma vez e seguiu furtivamente ao redor do lago, evitando o gramado e a turma de jardineiros varrendo perto da elaborada engenhoca de fogos de artifício, mantendo-se nas sombras até chegar ao Jardim Submerso. Sentou-se nos degraus da velha fonte, aquecidos pelo sol, e pousou a cesta ao seu lado. Era o ponto de vista perfeito, assim decidiu. A cerca de espinheiros nas proximidades fornecia ampla cobertura, e pequenos intervalos em sua folhagem permitiam uma bela vista do novo dique.

Enquanto esperava que Ben ficasse sozinho, Alice observou um par de gralhas mergulhar juntas no céu azul acima. Seu olhar pousou na casa, onde homens em escadas teciam enormes grinaldas de folhas ao longo da fachada de tijolos e duas empregadas se ocupavam de prender delicadas lanternas de papel a finas cordas sob os beirais. O sol iluminara a fileira superior de vitrais e a casa da família, lustrada nos mínimos recantos, brilhava como uma dama coberta de joias, vestida para ir à ópera anual.

Uma grande onda de afeto tomou Alice de súbito. Desde que se lembrava, tinha consciência de que a casa e os jardins de Loeanneth viviam e respiravam por ela de uma forma que não faziam por suas irmãs. Enquanto Londres era uma atração para Deborah, Alice nunca foi mais feliz, nunca foi tão ela mesma, como quando estava ali: sentada à beira do córrego, os dedos dos pés flutuando na corrente lenta; deitada na cama antes do amanhecer, ouvindo a ocupada família de andorinhas que construía seu ninho acima de sua janela; dando voltas ao redor do lago, o caderno sempre debaixo do braço.

Alice tinha 7 anos quando se deu conta de que, um dia, ia crescer e que os adultos, segundo a ordem natural das coisas, não continuavam morando na casa dos pais. Sentiu um grande abismo de medo se abrir dentro dela, então passou a gravar seu nome sempre e em qualquer lugar que podia: no carvalho inglês duro das molduras da janela da sala banhada pelo sol da manhã, no cimento fino entre os azulejos da sala de armas, no papel de parede estampado no hall de entrada – como se, por meio desses pequenos gestos, ela pudesse de algum modo se prender ao lugar de forma tangível e duradoura. Alice tinha ficado sem pudim durante todo o verão quando a mãe descobriu essa expressão particular de afeição, um castigo que ela poderia ter suportado, não fosse a injustiça de ser julgada uma vândala indecorosa.

– Pensei que, de todas as pessoas, você demonstraria mais respeito pela casa – murmurou a mãe, pálida de fúria. – Uma filha minha se comportando com tanto descuido e negligência, a autora de uma brincadeira tão cruel e irrefletida!

Fora profunda a vergonha que Alice sentira, o desgosto ao ouvir a mãe descrevê-la dessa maneira ao ter os resultados de sua apaixonada necessidade de posse reduzidos a um mau comportamento qualquer.

Mas agora isso não importava. Ela esticou as pernas, os dedos dos pés, e suspirou com satisfação. Isso era coisa do passado, água que correria sob a ponte, uma fixação infantil. A luz do sol estava em toda parte, brilhando dourada nas folhas verdejantes do jardim. Uma toutinegra, escondida na folhagem de um salgueiro próximo, cantava uma doce fanfarrinha e um par de patos selvagens lutava por um caracol particularmente suculento. A orquestra ensaiava um número de dança e a música deslizava pela superfície do lago. Como tinham sorte de ter um dia como aquele! Depois de semanas de angústia, de estudar o amanhecer, de consultar Aqueles que Deveriam Saber, o sol havia aparecido, queimando qualquer nuvem persistente, exatamente como devia ser na véspera do solstício de verão. A noite seria quente; a brisa, leve; a festa, tão encantadora como sempre.

Alice tinha conhecimento da magia do solstício muito antes de ter idade suficiente para ficar acordada para a festa, quando a babá Bruen as levava para o andar de baixo, Alice e suas duas irmãs, em seus melhores vestidos, e as arrumava em fila para a apresentação aos convidados. A festa ainda estava em seus momentos iniciais, os adultos bem-vestidos se comportando com forçado decoro enquanto esperavam a noite cair. Mais tarde, porém,

quando deveria estar dormindo, Alice ouvia a respiração da babá se tornar profunda e pesada, então ela ia até a janela do quarto das crianças e se ajoelhou em uma cadeira para ver as lanternas brilhando como frutas maduras na noite, a fogueira crepitante que parecia flutuar na água iluminada pelo luar prateado, o mundo encantado em que lugares e pessoas eram *quase* como ela se lembrava, mas não completamente.

E essa noite ela estaria entre eles. Uma noite que seria muito especial. Alice sorriu, estremeando de leve de ansiedade. Olhou o relógio e tirou a pasta que havia enfiado na cesta, abrindo-a para revelar o precioso conteúdo. O manuscrito era uma das duas cópias que ela havia digitado meticulosamente na Remington portátil, seu último esforço e o resultado de um ano de trabalho. Havia um pequeno erro no título, onde ela acidentalmente batera um “y” em vez de um “u”, mas, fora isso, estava perfeito. Ben não se importaria. Ele seria o primeiro a lhe dizer que era muito mais importante enviar a cópia perfeita a Victor Gollancz. Quando o publicasse, ele poderia ter o próprio exemplar da primeira edição e ela até o autografaria logo abaixo da dedicatória.

Adeus, passarinho azul, Alice leu o título num sussurro, desfrutando do pequeno arrepio que ainda percorria sua espinha. Estava muito orgulhosa da história; era a melhor até o momento e nutria grandes esperanças de que fosse publicada. Era um mistério de assassinato, um muito bom. Depois de estudar o prefácio da revista *As melhores histórias de detetives*, ela se sentou com seu caderno e fez uma lista das regras segundo o Sr. Ronald Knox. Percebeu seu erro ao tentar combinar dois gêneros diferentes, matou Laura e então começou de novo, do zero, sonhando, em vez disso, com uma casa de campo, um detetive e um lugar cheio de suspeitos. O quebra-cabeça tinha sido a parte complicada: descobrir como esconder de seus leitores “quem matou”. Foi quando ela decidiu que precisava de um conselheiro, um Watson para seu Holmes, por assim dizer. Felizmente, ela o encontrou. Havia encontrado mais do que isso.

Para B. M., parceiro no crime, cúmplice na vida

Correu o polegar pela dedicatória. Depois da publicação do romance, todos saberiam sobre os dois, mas Alice não se importava. Uma parte dela não podia esperar. Tantas vezes quase contara para Deborah ou mesmo

para Clemmie, tão desesperada que estava por ouvir aquelas palavras ditas em voz alta. Ela vinha se esquivando de conversas com a mãe, que, Alice sabia, tinha suspeitas. Mas era certo, de alguma forma, que descobririam quando lessem seu primeiro livro.

Adeus, passarinho azul nasceu de conversas com Ben. Ela jamais teria conseguido escrevê-lo sem ele e, agora, tendo arrancado seus pensamentos do ar e os posto em palavras no papel, ela pegara algo intangível, uma mera possibilidade, e o tornara real. Alice não podia deixar de sentir que, ao lhe dar uma cópia do manuscrito, também estava tornando mais real a promessa tácita entre eles. Promessas eram importantes na família Edevane. Era algo que eles tinham aprendido com a mãe, o ditado martelando no ouvido assim que aprendiam a falar: nunca faça uma promessa se não estiver pronto para cumpri-la.

Vozes soaram do outro lado da sebe de espinheiros e instintivamente Alice pegou o manuscrito, abraçando-o. Ouviu atenta e, então, correu para a sebe, espiando através de um pequeno espaço em forma de diamante nas folhas. Ben não estava mais na ilha e o barco tinha voltado ao cais, mas Alice encontrou os três homens juntos perto da pilha de toras restantes. Observou como Ben bebia de seu cantil de alumínio, o pomo de adão se movendo quando engolia, a sombra de uma barba em seu rosto, os cachos de cabelo escuro na altura do colarinho. A transpiração tinha deixado uma mancha úmida em sua camisa e a garganta de Alice se apertou. Ela adorava o cheiro dele, tão natural e real.

O Sr. Harris pegou sua bolsa de ferramentas e deu algumas instruções finais às quais Ben respondeu com um aceno de cabeça, um leve sorriso. Alice sorriu com ele, observando a covinha em sua bochecha esquerda, seus ombros fortes, seu antebraço exposto brilhando sob o sol forte. Ele se empertigou quando um ruído distante lhe chamou a atenção. Ela seguiu seu olhar, que se desviou do Sr. Harris e pousou sobre algo nos jardins selvagens do outro lado.

Visível apenas o suficiente no emaranhado de eremuros e verbenas, Alice entreviu uma pequena figura caminhando, saltitante e intrépida, em direção à casa. Theo. O vislumbre de seu irmãozinho alargou o sorriso de Alice, que, no entanto, logo sumiu por causa da grande sombra escura que pairava atrás do menino. Compreendia agora por que Ben tinha a testa franzida. Ela sentia o mesmo com relação à babá Bruen. Não gostava nem um pouco

dela, mas de fato ninguém desenvolvia afeição por pessoas com disposições despóticas. O motivo pelo qual a doce e bela babá Rose tinha sido demitida estava além da compreensão de todos. Ela obviamente gostava de Theo – o adorava, na verdade – e não havia ninguém que não gostasse dela. Até seu pai tinha sido visto conversando com ela no jardim enquanto Theo tropeçava atrás dos patos, e o pai era um juiz de caráter muito exigente.

Alguma coisa, porém, fizera a mãe torcer o nariz. Duas semanas antes, Alice a vira discutindo com a babá Rose, numa troca de sussurros acalorados do lado de fora do quarto do bebê. A desavença tivera a ver com Theo, mas, infelizmente, Alice estava longe demais para ouvir com precisão o que era dito. Depois todos ficaram sabendo que a babá Rose fora embora e a babá Bruen acabara voltando para o cargo. Alice pensara ter visto pela última vez a senhora hostil e de língua afiada, com seu queixo cheio de pelos e a garrafa de óleo de rícino. Na verdade, ela sempre tinha sentido uma pontinha de orgulho, pois ouvira vovó DeShiel comentando que a indisciplinada Alice havia acabado com as últimas gotas de energia da velha babá. Mas então ali estava ela de volta, mais extravagante do que nunca.

Alice ainda lamentava a perda da babá Rose quando percebeu que não estava mais sozinha em seu lado da sebe. Um galho estalou atrás dela e ela se endireitou abruptamente, se virando.

– Sr. Llewellyn! – exclamou Alice quando viu a figura encurvada ali de pé, um cavalete debaixo de um braço, um grande bloco de desenho apertado desajeitadamente debaixo do outro. – O senhor me assustou.

– Desculpe, Alice querida. Parece que não sou muito discreto. Eu esperava que pudéssemos conversar um pouco.

– Agora, Sr. Llewellyn?

Apesar do afeto pelo velho, ela lutou contra uma onda de frustração. Ele não parecia entender que haviam acabado os dias em que Alice sentava com ele observando-o desenhar, em que deslizavam rio abaixo no barco a remo, em que ela confessava todos os segredos infantis enquanto caçavam fadas. Ele fora importante para ela, não havia como negar. Um amigo querido quando Alice era pequena e um mentor quando começara a escrever. Muitas vezes, ela corraera para lhe mostrar as histórias infantis que tinha rabiscado em um ímpeto de inspiração e ele fizera uma cena, fazendo-lhe críticas sérias. Mas agora, aos 16 anos, Alice tinha outros interesses, que não podia dividir com ele.

– Estou muito ocupada, sabe?

Seu olhar vagou para o buraco na sebe e Alice sentiu as bochechas queimarem com um súbito calor.

– Estou de olho nos preparativos da festa – disse às pressas e, quando o Sr. Llewellyn sorriu de um jeito que sugeria que ele sabia exatamente quem ela estava observando e por quê, acrescentou: – Estou colhendo flores para mamãe.

Ele viu a cesta deixada de lado, as flores murchando no calor do meio-dia.

– Uma tarefa que eu realmente deveria terminar.

– É claro – disse ele com um aceno de cabeça –, e eu normalmente nem sonharia interrompê-la quando está tão ocupada ajudando. Mas há algo importante que preciso falar com você.

– Temo que eu não tenha tempo mesmo.

O Sr. Llewellyn pareceu muito desapontado e ocorreu a Alice que ele andava bem desanimado ultimamente. Não atordoado, mas distraído e triste. Notou que os botões de seu colete de cetim estavam presos de forma desencontrada e o lenço em volta do pescoço estava gasto. Ela sentiu uma súbita onda de simpatia e inclinou a cabeça para seu bloco de desenho, numa tentativa de se reparar.

– Está muito bom.

Estava mesmo. Ela não o vira desenhar Theo antes e a semelhança era excepcional, o persistente traço de bebê nas bochechas redondas e nos lábios cheios, os grandes olhos confiantes. O querido Sr. Llewellyn sempre fora capaz de ver o melhor em todos eles.

– Vamos nos encontrar depois do chá, talvez? – sugeriu ela com um sorriso encorajador. – Em algum momento antes da festa?

O Sr. Llewellyn trouxe seu bloco de desenho para perto, considerando a proposta de Alice antes de franzir um pouco o cenho:

– E à noite na fogueira?

– Você vem?

Isso era uma surpresa. O Sr. Llewellyn não era um cavalheiro sociável e normalmente dava um jeito de evitar multidões – sobretudo multidões que queriam *encontrá-lo*. Ele adorava Eleanor, mas nem mesmo ela conseguira convencê-lo a ir à festa. A preciosa primeira edição de sua mãe de *O portal mágico de Eleanor* estaria exposta, como sempre, e as pessoas ficariam

ansiosas para conhecer seu criador. Elas nunca se cansavam de se ajoelhar junto da cerca e procurar o topo enterrado do velho pilar de pedra. “Olhe, Simeon, estou vendo! O anel de bronze do mapa, tal como diz no livro!” Mal sabiam que o túnel fora selado anos antes para evitar as explorações de curiosos como eles.

Normalmente, Alice teria sondado mais, porém uma explosão de risos masculinos do outro lado da sebe, seguida por um grito de camaradagem, atraiu sua atenção:

– Adam, vá com seu pai e coma alguma coisa, não há necessidade de levá-los todos de uma vez!

Isso a trouxe de volta ao seu propósito.

– Está bem, então – retrucou. – Esta noite, sim. Na festa.

– Digamos, às onze e meia, debaixo da tenda?

– Sim, sim.

– É importante, Alice.

– Onze e meia – repetiu ela, um pouco impaciente. – Estarei lá.

Ainda assim, ele não foi embora, mas permaneceu ali, aparentemente enraizado, com aquela expressão séria e melancólica, encarando-a, quase como se tentasse memorizar seus traços.

– Sr. Llewellyn?

– Você se lembra de quando saímos de barco no aniversário de Clemmie?

– Lembro – disse ela. – Sim, foi um belo dia. Um deleite raro.

Alice fez questão de pegar o cesto dos degraus da fonte e o Sr. Llewellyn devia ter entendido a deixa, porque então se foi.

Alice sentiu o incômodo de um pesar vago e suspirou profundamente. Imaginou que era o fato de estar apaixonada que a fazia se sentir assim, uma espécie de piedade por todos que não fossem ela. Pobre Sr. Llewellyn... Ela já pensara que ele era mágico. Agora via apenas um homem curvado e um tanto triste, velho antes do tempo, constrangido pela roupa vitoriana e pelos hábitos dos quais se recusava a abrir mão. Ele tivera um colapso na juventude – era para ser segredo, mas Alice sabia um monte de coisas que não devia saber. Havia acontecido quando sua mãe era apenas uma garota e o Sr. Llewellyn era um amigo fiel de Henri deShiel. Ele desistira de sua carreira profissional em Londres e, então, criara *O portal mágico de Eleanor*.

Alice não sabia o que tinha causado o colapso. Ocorreu-lhe, vagamente, que deveria fazer um esforço maior para descobrir, mas não naquele dia;

não era uma tarefa urgente. Não havia tempo para o passado quando o futuro estava ali, esperando por ela do outro lado da sebe. Outra olhada confirmou que Ben estava sozinho, juntando suas coisas, prestes a voltar pelo jardim até suas acomodações, para almoçar. Alice logo se esqueceu do Sr. Llewellyn. Ergueu o rosto para o sol e deleitou-se com o calor que acariciava suas bochechas. Que alegria era ser ela naquele exato momento. Não podia imaginar que alguém, em qualquer lugar, pudesse estar mais satisfeito. Então caminhou para o cais, com o manuscrito na mão, tomada por uma sedutora consciência de si mesma, como uma menina no limiar de um futuro brilhante.